O ato psicanalítico

Silvana Pessoa

Resenha do livro *O ato psicanalítico.*
Salvador: Associação Científica Campo Psicanalítico, 2003.

O ato psicanalítico é uma coletânea de textos dividida em quatro seções, de acordo com as apresentações ocorridas na II Jornada do Campo Psicanalítico, em novembro de 2002.

A primeira seção é dedicada à clínica do ato. Nela, encontramos o trabalho de Fátima Pereira, que, na tentativa de articular o sintoma ao ato analítico, aproxima-se da filosofia de Nietzsche para trabalhar o conceito de sintoma como algo que está no lugar do nada, como os juízos humanos e as tolices, de que nenhum sujeito pode prescindir, e que pede respostas e demanda ao analista uma interpretação de sentido. A autora responde dizendo que o analista, ao não aceitar a atribuição feita pelo analisando, estabelece um lugar que lhe cabe, de onde poderá operar o ato analítico. Deste lugar ele instaura e sustenta o fazer do analisando, que, na associação livre, fundada no sujeito-suposto-saber, pode atravessar uma análise, reduzindo, em seu fim, o analista à posição de dejeto.

Dando continuidade a essa seção, Amélia Almeida toma a autobiografia de Catherine Millet, publicada em 2001, para levantar questões sobre o ato sexual. A autora indaga se os atos sexuais ali descritos podem ser considerados atos sintomáticos, compulsivos – que, pela repetição, visavam fazer suplência à cópula de significantes, à relação sexual que não existe –, ou se são um modo de tornar possível a relação sexual.

Dominique Fingerman, em seguida, também levanta uma questão. Partindo da afirmação de Lacan em *Televisão*: "A psicoterapia conduz ao pior", a autora se interroga que tipo de resposta é dada à demanda oriunda do sofrimento que é dirigido à psicanálise. Ao pior? Para responder a essa questão, trabalha os conceitos de psicoterapia – seus efeitos e seus limites – e de psicanálise, trazendo a clínica com a demanda, e a transferência, o ato analítico e a ética na dimensão trágica da sua experiência.

Simey Soeiro abre a segunda seção, "Limites ao ato", aproximando o ato de educar à psicanálise de dois modos. O pri-

meiro é que na educação, tal como na análise, está em jogo o sujeito do inconsciente implicado no processo de aprendizagem. Para justificar esta afirmação, usa a teoria dos quatro discursos, dizendo que a posição que se ocupa é que determinará a forma como cada um se relacionará com o saber. Segundo sua argumentação, o construtivismo está para o discurso histérico, assim como o ensino tradicional está para o discurso universitário e o discurso do mestre. O segundo ponto de aproximação da educação com a psicanálise abordado pela autora é o conceito de sujeito-suposto-saber. Simey afirma que esta é a posição ocupada pelos analistas e pelos professores, sendo que o primeiro está fadado a desaparecer no percurso de uma análise, enquanto o último, situado apenas no eixo significante, seria infinito. Por fim, responde afirmativamente à questão que se coloca neste trabalho, "há lugar para a psicanálise na escola?", justificando que é um lugar que tratará da escuta e da particularidade de cada um, pontuando os momentos de curto-circuitos na produção de saber.

Marcus do Rio, em seu trabalho sobre ausência e excesso de limites, levanta a seguinte questão: o próprio mercado não funcionaria como uma instância que, ao mesmo tempo em que afirma esse ideal de liberdade e autonomia, provoca um desvanecimento do sujeito ao produzir uma materialização do objeto? Para responder a esse questionamento, analisa o discurso capitalista e a economia do livre mercado em que a verdade chega ao sujeito como um imperativo de gozo, fazendo-o transpor limites e, portanto, constituindo um convite a viver no excesso.

Outro trabalho nessa mesma seção é o de Eliane Nascimento, o qual reflete sobre os efeitos de uma gestação indesejada na adolescência, idade de muitas mudanças no corpo e na constituição da subjetividade, em tempos pós-modernos, caracterizados por um extremado individualismo narcísico e pelo imperativo superegóico GOZE. Ela aproxima a gravidez da dimensão do ato pelas irrupções das atuações dos adolescentes, por não haver intermediação do discurso por faltarem palavras para justificar por que engravidaram.

Na seção que trata da transferência e da interpretação, Juliana Campos ilustra, por meio de um caso clínico, os tempos da entrevista preliminar e da entrada em análise, evidenciando que o analista deve estar na sua posição desde o início, mas que, mesmo assim, isso não é garantia para que surja uma demanda de análise. Em seu percurso, a autora não perde de vista o ato analítico e suas conseqüências.

Angélia Teixeira trabalha a diagonal da transferência, uma das três grandes operações ordenadoras do dispositivo psicanalítico, com o intuito de abordar todo o percurso da análise do analista. No começo, do lado no analisante está a transferência, e do lado do analista, o ato do mesmo. É preciso passar pelo outro e separar-se dele de forma radical para se chegar ao final. Essa passagem de analisante a analista é o que Lacan chamou de ato analítico, afirma a autora.

Helson Ramos encerra essa seção fazendo um recorte da obra lacaniana, de *Os escritos técnicos de Freud, livro 1,* à topologia das superfícies e dos nós borromeanos, para demostrar que a psicanálise é uma praxe, um saber fazer, uma intervenção prática no campo dos discursos, uma operação de ato. O autor faz uma analogia entre a psicanálise e a arte do cirurgião. O analista, com o corte preciso no significante, faz com que haja um novo reenlace calcado na ocupação de outros lugares.

A última e não menos interessante seção desta coletânea trabalha a análise e o seu final. Jairo Gerbase interroga o final de análise lacaniano, articulando-o ao freudiano. Freud não acreditava no final da análise; afirmava que ela poderia ir o mais longe possível, mas esbarrava sempre no rochedo da castração, no repúdio à feminilidade. Para Lacan, entretanto, a análise termina na passagem de analisando a analista. Em seu texto, Jairo faz inúmeros desdobramentos, averiguando o conceito de travessia da fantasia, relativizando-o e advertindo que, no fim, os analistas não devem supor que os analisandos agüentam uma terapêutica que vá longe demais.

Ida Freitas traz o diálogo de *Menon*, de Platão, e o paralelo feito por Lacan para ilustrar a idéia de uma extensão sem fim, ou de uma duração sem limites do saber inconsciente e do final de análise. Seu trabalho, questiona o que pode limitar, tornar finito o discurso analítico. Lançando mão do recurso da poesia e de um fragmento referente a um final de análise, trabalha o final de análise do lado do analista e do analisando.

José Antônio aborda, em seu trabalho, a função do olhar na experiência analítica, referindo-se ao quadro de Velázquez e a duas aulas do Seminário sobre o ato psicanalítico, de Lacan. No decorrer de seu texto, aborda o final de análise do lado do analisando como um saber fazer com o seu mais de gozar, definindo uma nova relação do sujeito com a castração e com a pulsão; e do lado do analista, diz que este, ao aceitar ser rejeitado à maneira do objeto *a*, favorece o dispositivo analítico e o seu término.

Freud e Lacan sabiam que a análise fazia alguma coisa com aqueles que dela se aproximavam e sempre convidavam os analistas a dar testemunho daquilo que sabiam ou faziam. Esta coletânea, organizada pelo Campo Psicanalítico, é o resultado dessa demanda. Nela, o leitor encontrará interessantes reflexões sobre o ato analítico, seu início e seu fim, e o ato propriamente dito, na cultura e na contemporaneidade. O leitor também certamente verificará que essa é uma boa leitura, afinada com a clínica e com o seu tempo.